

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL  
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE JARDIM  
CURSO DE GEOGRAFIA - LICENCIATURA

**FRONTEIRAS CULTURAIS CONSTRUÍDAS:  
E A RELAÇÃO COM O PRECONCEITO SOBRE OS PARAGUAIOS EM  
SALA DE AULA.**

**PEDRO RAMÃO ROJAS CORONEL**

JARDIM/MS  
2019

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL  
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE JARDIM  
CURSO DE GEOGRAFIA - LICENCIATURA

**FRONTEIRAS CULTURAIS CONSTRUÍDAS:  
E A RELAÇÃO COM O PRECONCEITO SOBRE OS PARAGUAIOS EM  
SALA DE AULA**

Pedro Ramão Rojas Coronel  
Orientador: Prof. Dr. Sandra Cristina de Souza

Trabalho de conclusão de curso apresentado como parte das exigências do curso de Geografia – Licenciatura, para a obtenção do grau de Licenciado em Geografia.

JARDIM/MS  
2019

## TERMO DE APROVAÇÃO

Pedro Ramão Rojas Coronel

### **Fronteiras culturais construídas: E a relação com o preconceito sobre os paraguaios em sala de aula**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Geografia, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, pela seguinte Banca Examinadora:

Orientador (a): Prof<sup>ª</sup>. Dra. Sandra Cristina de Souza

*Sandra Cristina de Souza*

UEMS – Jardim

Examinador 1: Prof<sup>º</sup>. Me. João Evaldo Ghizoni Dieterich

*João Evaldo G. Dieterich*

SEED/MS

Examinador 2: Prof<sup>º</sup>. Pedro Bambil de Souza

*Pedro B. Souza*

Jardim, 29 de Novembro de 2019

Aos meus queridos Sobrinhos  
Guilherme, Giovana e Ísis que  
trouxeram muita felicidade e amor para  
nossa família, e a luz das suas existências  
conforta nossos corações.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, a Deus, seguindo Buber: ele é, sobretudo, “totalmente presença”. Aos meus pais, Pedro Coronel e Antônia Rojas Coronel (amada mãezinha) que me ensinaram o valor da educação, do amor ao próximo e a importância das relações verdadeiras. As minhas amadas irmãs Adriana Rojas Coronel e Elaine Roja Coronel (caçula) onde aprendi na prática uma relação verdadeiramente aberta, com empatia, atenção e cuidados. E os três amores da nossa família meus amados sobrinhos: Guilherme, Giovana e Ísis.

À minha esposa, Nayara Massacote, que com muito amor e atenção me deu forças para chegar nessa conclusão de trabalho.

Ao Campus de Jardim da Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul, em parceria com Professores e colegas onde descobri a importância da Geografia no contexto do Brasil, na qual tive a oportunidade e o privilégio de estudar e travar debates riquíssimos; além do conhecimento demonstrado sobre as disciplinas ministradas praticam uma didática que facilita e oportuniza a construção do conhecimento.

A Professora Doutora Sandra Cristina de Souza, que muito admiro e tomo a liberdade de chamá-la de Companheira de luta, por ter me oportunizado a concretude da graduação.

Sempre lembrarei com carinho da minha querida Escola Pedro José Rufino, especialmente as Diretoras Kennya Aparecido Flores Lima e Jucilene Saltiva Amarilha Herculano (formidáveis), as mesmas oportunizaram-me a cursar essa graduação flexibilizando o meu trabalho, e a todos meus colegas e amigos que passaram na minha vida e deixaram presença. A todos meus sinceros agradecimentos.

## **Resumo**

Neste trabalho discutiremos as noções de fronteiras construídas, e sua relação com a disseminação de preconceitos em relação aos descendentes de paraguaios em sala de aula no município de Jardim-MS, refletindo sobre as relações subjetivas formadas, que separa e delimita esse grupo da sociedade, formando verdadeiras fronteiras culturais. Serão discutidas também as identidades e alteridades, e suas representações. A metodologia e técnicas de pesquisa utilizadas foram a pesquisa qualitativa transdisciplinar, com a comunidade paraguaia do município e seus descendentes que são alunos da escola Estadual Pedro José Rufino, apresentando uma discussão referente ao perfil e as características deste determinado preconceito e, como lidam e sua superação diante destes posicionamentos discriminatórios. Nas considerações finais serão apontadas algumas reflexões baseadas nos conceitos Buberianos para possíveis diálogos sobre as relações interpessoais na sociedade e sirva de suporte para o debate.

**Palavras chave:** Fronteiras, Estudantes, Preconceito, Paraguaios.

## Resumen

En este artículo discutiremos las nociones de fronteras construidas, y su relación con la difusión del prejuicio hacia los descendientes paraguayos en el aula en Jardim-MS, reflexionando sobre las relaciones subjetivas formadas, que separan y delimitan a este grupo de la sociedad, formando verdaderos límites culturales. Identidades y alteridades y sus representaciones también serán discutidas. La metodología y las técnicas de investigación utilizadas fueron la investigación cualitativa transdisciplinaria, con la comunidad paraguaya del municipio y sus descendientes que son estudiantes de la Escuela Estatal Pedro José Rufino, presentando una discusión sobre el perfil y las características de este prejuicio particular y cómo lo abordan, superando estas posiciones discriminatorias. En las consideraciones finales se señalarán algunas reflexiones basadas en los conceptos de Buber para posibles diálogos sobre las relaciones interpersonales en la sociedad y para apoyar el debate.

Palabras clave: Fronteras, Estudiantes, Prejuicios, Paraguayos.

## SUMÁRIO

|  |           |
|--|-----------|
| <b>1. INTRODUÇÃO.....</b>  | <b>8</b>  |
| <b>2 A ORIGEM DA REPRESENTAÇÃO DO PARAGUAIO</b>  |           |
| 2.1 A VISÃO SOBRE OS DESCENDENTES DE PARAGUAIOS NA CIDADE DE JARDIM: DISCRIMINAÇÃO E FRONTEIRA CULTURAL..... | 12        |
| <b>3. PESQUISA: SER OU NÃO SER PARAGUAIO.....</b>  | <b>15</b> |
| 3.1 UMA REPRESENTAÇÃO CONSTRUÍDA DO “OUTRO”: O EU-ISSO NA RETIRADA DA LAGUNA.....                            | 20        |
| <b>4. O TERRITÓRIO DE DESENCONTRO E DE DESCOBERTA DO OUTRO...</b>  |           |
| 4.1 IDENTIDADES E ALTERIDADES.....   | 28        |
| <b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS E AVALIAÇÃO</b>  | <b>31</b> |
| <b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>   | <b>32</b> |

## 1. INTRODUÇÃO

Observando os preconceitos que ocorrem em sala de aula na cidade de Jardim-MS, no decorrer dos vários anos de docência como professor do ensino básico presenciamos um em específico, que tem relação por ser uma cidade fronteiriça<sup>1</sup> com o Paraguai.



O preconceito com os Paraguaiois e seus descendentes, preconceito colocado como sendo uma valoração negativa que se atribui às características da alteridade (BANDEIRA & SORIA BATISTA, 2002), materializado em diferentes formas, demonstrando estigmas e sanções que é incorporado e acreditado por essa sociedade corporificando muitos comportamentos cotidianos discriminatórios, quer ao nível institucional, quer ao nível interpessoal, se transformando até mesmo em um racismo cordial<sup>2</sup>.

Tal cenário tornou-se uma questão de hábito, é um costume entre os alunos que se materializa na assimilação social dos valores, levando muitos descendentes paraguaiois a esconder sua origem, e até mesmo se desvalorizar perante a maioria que é brasileira, formando verdadeiras fronteiras culturais.

<sup>1</sup> Na Constituição do Brasil de 1988 a definição oficial da “faixa de fronteira” foi estabelecida na área compreendida dentro dos 150 km perpendiculares à linha limitante (cap.II, art. 20, alínea XI, parágrafo II) do território brasileiro.

<sup>2</sup> O racismo cordial é definido como uma forma de discriminação contra os cidadãos não brancos, que se caracteriza por uma polidez superficial que reveste atitudes e comportamentos discriminatórios, que se expressam ao nível das relações interpessoais através de piadas, ditos populares e brincadeiras de cunho “racial (Turra, C., & Venturi, G., 1995).

Observado e sentido Também por esse autor no decorrer da sua vida, por ser descendente de Paraguaio, e depois com a docência, ainda pendurando o preconceito, pode refletir mais sobre o tema. Este espaço de “des-territorialização, desraizamento das identidades territoriais está nas fronteiras”, conforme Haesbaert (2001, p.126). Não olharemos fronteira como dimensão de abordagem fixada pela territorialidade e pela geopolí

tica, focaremos no conceito de fronteira que avança para os domínios da construção simbólica de pertencimento que corresponde a um marco de referência imaginária, definida pela diferença, trabalhando com princípios de reconhecimento, que envolvem analogias, oposições, correspondências, comparações, (PASSAVENTO, 2002).

Assim, surgiu a indagação, quais motivos levam a esses preconceitos, essa distinção, oposições e também ao valor (ou melhor, um desvalor) moral dos descendentes paraguaio, por que a alteridade? Pois de acordo com Martins (1997, p.150), a fronteira “a primeira vista é o lugar do encontro dos que por diferentes razões são diferentes entre si” (...) a um só tempo é o lugar de descoberta do outro, e de desencontro. O desencontro e o conflito decorrentes das diferentes concepções de vida e visões de mundo de cada um (...). A fronteira está, portanto, nos homens, e como abordar esse assunto nas aulas de Geografia e fazer uma reflexão sobre esse problema colocado pelo desenvolvimento histórico desta região em específico. Tendo em vista tal desafio, tentaremos debater as relações construídas entre os alunos, e trabalhar a conscientização dos mesmos para que possam defender o pluralismo e a tolerância.

No âmbito jurídico, é preciso considerar que a Constituição Federal na Lei Nº 7.716/89: Art. 1º diz “Serão punidos, na forma desta Lei, os crimes resultantes de discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional”. Assim como o Art. 20º que diz “Praticar, induzir ou incitar a discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional”. Nesse sentido, não é apenas uma questão de opinião, preconceito de procedência nacional é crime. É preciso que os alunos se conscientizem da gravidade da situação, e demonstrar com história, nossa guia que testou essas ideias políticas, com isso utilizaremos exemplos de Hanna Arendt ao identificar na ruptura trazida pela experiência totalitária do nazismo e do stalinismo a inauguração do *tudo é possível*. O *tudo é possível* levou pessoas a serem tratadas como supérfluas e descartáveis e penduram no mundo contemporâneo como, por exemplo, essa situação social abordada e como essa ideia poderá acarretar em danos sociais lastimáveis e com a compreensão e mudança de suas posturas os alunos têm o poder de quebrar essa idéia e intervir nessa situação.

Diante de tudo isso, o propósito deste trabalho é ampliar o foco sobre fronteira. Para isso a cidade de Jardim, será utilizada como via possibilitadora de compreensão de fronteira construída, como qualquer outro limite social, a fronteira separa e delimita nossa realidade de outras realidades. Neste sentido, podemos interpretar que, a sociedade jardinense, por ser fronteira constituiu o contato com outras realidades, a aproximação da sociedade paraguaia, relacionando as suas referências culturais.

Abordaremos as concepções de fronteira para, posteriormente, tratarmos de identidades e de alteridades e contextualizarmos os territórios identitários. Estes aqui serão ilustrados com aqueles sócio-territoriais identificados e existentes na sociedade jardinense. Nas considerações finais, serão apontadas algumas perspectivas, uma contribuição para ampliar os debates na ciência geográfica abrindo caminho para o diálogo.

O preconceito, materializado em diferentes formas de discriminação, é uma realidade nas escolas que muitas vezes viram uma arena fértil para a manifestação de múltiplas modalidades de opressão. E em específico entre os descendentes de paraguaios que estão no alvo da intolerância, da não aceitação, da indiferença. Pois as questões que provocam preconceito precisam ser problematizadas e desmistificadas, porque o preconceito, enquanto algo que dizima o ser humano destitui os indivíduos sociais de sua autonomia e liberdade. Nestes termos, o debate em torno do preconceito com os alunos em sala de aula favorece a argumentação e à reflexão crítica sobre a vida cotidiana.

Quando falarmos em “Cruzar fronteiras”, por exemplo, usaremos o significado de mover-se livremente entre os territórios simbólicos de diferentes identidades. “Cruzar fronteiras” significara não respeitar os sinais que demarcam – “artificialmente” – os limites entre os territórios das diferentes identidades (SILVA, 2009, p.88).

Verificar a configuração social, disparidades, e influência entre os brasileiros e os descendentes de paraguaios, pois este segundo grupo coloca como prioridade a cultura da maioria e coloca a sua de minoria como depreciativa, recebendo exclusão e estigmatização. Portanto, tentar identificar e elucidar as relações de poder, dependência e exclusão existentes nessa sociedade e suas implicações que são colocadas em sala de aula, para buscar uma melhor inclusão com a utilização do diálogo nas aulas de Geografia e que se reconheça e aceite a diversidade, na vida em sociedade, significando a garantia do acesso de todos a todas as oportunidades, independentemente das peculiaridades de cada indivíduo e/ou grupo social.

A primeira parte trata-se de uma reflexão sobre a fronteira construída focando no campo do existencialismo, com grande abertura para a história, essa, pois será controlada pelo arquivo, pelo

documento, pelo caco e pelos traços do passado que chegam até o presente, atribuiremos um sentido, conferindo-lhe o estatuto de fonte, fazendo perguntas aos registros do passado, uma construção, pensando em achar uma representação (organizada de uma temporalidade) do real (PESAVENTO, 2000). E para isso fez-se necessário realizar um estudo de fontes buscando a origem da construção e disseminação do olhar sobre o paraguaio que levou a formação de fronteira cultural em discursos (referindo a uma peça oratória proferida em público ou escrita como se fosse para ser lida para um dado público) livros, revistas, jornais etc. que circulam na cidade de Jardim e no IFMS (Instituto Federal de Mato Grosso do Sul), materiais onde a escrita aborda um tom moralizante ou repreensivo sobre o brasileiro e o paraguaio, nacionalismo, cultura brasileira em relação a paraguaia etc. opiniões que tente cativar e convencer seus leitores.

Lembrando que os discursos por estarem inscritos e difundidos poderão, no nosso entendimento, até explicar as origens das atitudes de discriminação, mas nunca justificá-las, sempre contextualizando as obras e seus respectivos autores, e possíveis origens dessa representação, o mecanismo que naturalizam a imagem do paraguaio nesta sociedade, segundo Chauí (2000), que tais imagens fazem parte de um mito fundador, núcleo em torno do qual gravitam repetidas formulações explicativas que tem por função denegar a violência sobre o paraguaio em nossa sociedade.

A segunda parte focaremos na simbolização do outro, e as formas de identidade/alteridade, demonstrando as noções sobre fronteiras que possam contribuir para a reflexão sobre os fins das ações humanas, além de entender como o aluno constrói sua identidade social, de que maneira ele alinha ou repele outros, totalmente ligada a maneira como enxergamos o outro e como se dá nossa relação com ele, e também de uma possível superação desta realidade.

Buscaremos responder a algumas questões adjacentes: como e por que ocorrem discriminações de um grupo sobre o outro e de que maneira os sujeitos discriminados enfrentam isso? Como a identidade e alteridade se constrói no contato com o outro, acarretando estigmatizações ou sentimentos de superioridade, como refletir sobre esse processo? Lidar racionalmente esse fato social propondo que os agentes envolvidos a reavaliarem suas posturas e perceberem aquilo que outrora parecia natural (GOFFMAN, 1988).

## **2 A ORIGEM DA REPRESENTAÇÃO DO PARAGUAIO**

### **2.1 A VISÃO SOBRE OS DESCENDENTES DE PARAGUAIOS NA CIDADE DE JARDIM: DISCRIMINAÇÃO E FRONTEIRA CULTURAL**

A cidade de Jardim, localizada no sudoeste do estado de Mato Grosso do Sul, em região próxima à fronteira com o Paraguai, devido justamente a sua localização geográfica, enfrenta um problema social: o preconceito contra os paraguaios, (definições prévias, que não advêm do conhecimento do outro, promovem certas hostilidades, advindas da distância ou desconhecimento, materializado em diferentes formas de discriminação, resultando em uma representação). Este preconceito é amplamente disseminado nos meios sociais, de comunicação e mídias, visto que na maioria dos casos ao invés de discutir sobre a diversidade que está presente na nossa sociedade, segue o caminho da exclusão. No caso estudado, nosso campo de pesquisa foi com alunos do Instituto Federal do Mato Grosso do Sul, desta referida cidade. Quando se fala da cultura paraguaia em salas de aulas do município, a maioria lembra-se de suas raízes brasileiras, escondendo a influência paraguaia, estes pontos de vista estão presentes entre alunos de todas as classes sociais. Acreditando como Bourdieu (1989), que o pensar sobre o que é bonito ou feio referente à cultura, uma sobressai sobre a outra, e este leva como certo, analisando os enfrentamentos de ambos os grupos que participam lado a lado para obtenção de recursos para alcançar seus troféus no campo social.

A falta de debate e esclarecimento perpetua a prática discriminatória. E para refletir sobre a simbolização do “outro” estabelecido sobre o paraguaio, que levou a uma fronteira cultural entre os alunos, fronteira materializada nas salas de aula. A fronteira tende a provocar a dicotomia entre as identidades territoriais, pois ou é deste território ou não é. Isso nos leva a entender porque a fronteira é considerada como espaço de conflito (MARTINS, 1997) assim distinguindo seus discursos. Essas fronteiras sociais e culturais distintas dos atores locais, distantes e próximos, que se defrontam no espaço da sociedade jardinense. Conforme Del Rio (1998, p. 465), “as relações que se estabelecem no seio dos diferentes grupos que se inter-relacionam em um espaço e tempo determinados são fundamentais para compreender a construção e a desconstrução de fronteiras”. De fato, a fluidez da fronteira permite-nos considerar sua existência, mas em que momento ocorreu? E suas implicações sócio-espaciais. Como afirma Bhabha (2003, p.19) “encontramo-nos no momento de trânsito em que

espaço e tempo se cruzam para produzir figuras complexas de diferença e de identidade, passado e presente, interior e exterior, inclusão e exclusão”.

Neste território de fronteira, nas palavras de Canclini (2000, p.198) as ações simbólicas cotidianas são a garantia da continuidade do grupo social que já estava estabelecido no local e servem para delimitar e reproduzir as fronteiras culturais com outros grupos em função do acesso desigual aos símbolos. No território de fronteira, qual é a linha imaginária que define as diferenças culturais? Dentro desta sociedade este grupo atribuído como “diferente” não precisa ser descrito com precisão, uma assertiva ou um conjunto de afirmações, pois já é definido previamente pelos alunos autoatribuídos como “brasileiros” classificando-os, antes que se faça qualquer contato em busca de conhecimento sua nacionalidade ou ascendência. O aluno brasileiro subjuga o paraguaio como o “outro” diante da sua superioridade Étnico-Cultural auto-atribuída, sentimento esse socialmente herdado, onde foi averiguado em entrevistas de grupo, buscando memórias coletivas, e presenciamos algumas memórias invariáveis, com elementos irredutíveis, em que o trabalho de solidificação da memória foi tão importante que impossibilitou a ocorrência de mudanças (POLAK, 1992), que acreditamos ter um dos motivos, oriundos de representações (estereotipadas) das obras historicamente determinadas, sobre a Guerra do Paraguai, como nos mostra a pesquisadora Squinelo (2011), que fez uma revisão historiográfica sobre a Guerra do Paraguai nos livros didáticos Brasileiros:

Resta-me, ainda, algumas dúvidas em relação ao porquê então estudamos a Guerra do Paraguai, na medida em que: a) não procuramos entender o sentido para os países nela envolvidos; b) não buscamos a compreensão de nosso desenvolvimento histórico-sócio-cultural e econômico; c) não realizamos as conexões necessárias ao entendimento das questões relacionadas ao Mercosul; e, finalmente, d) não propiciamos ao educando a compreensão dos eventos históricos de nosso passado latino-americano, o que nos levaria a nos conhecer e a conhecer o outro e, também responderia muitas questões postas em nosso presente (SQUINELO, 2011 p.36).

Que muitas vezes é reatualizada para formar o sentimento nacionalista:

Nessas regiões fronteiriças, os nacionalistas brasileiros geralmente enfatizam o tamanho do território e o desenvolvimento tecnológico e econômico do Brasil comparado com os outros países vizinhos. A nação brasileira geralmente é vista como uma “grande potência” pelos próprios brasileiros, mas também por

paraguaios, uruguaios, argentinos, bolivianos etc. No contraste fronteiriço, muitos brasileiros são reconhecidos e se consideram superiores e melhores. O sentimento e o orgulho nacional são fortalecidos na comparação direta com os outros países menores. (ALBUQUERQUE, 2008 p.59).

Por ser diferente da descendência que ele acredita possuir que é “puramente” brasileira, utilizando o termo “Paraguaio” de forma pejorativa, onde essa palavra o classifica, verificamos que quando os alunos remetem a palavra paraguaio representando a diferença nos processos discursivos e linguísticos, não são simplesmente para fixá-los, puramente descritivo, pois ao dizer sobre as características identitárias dos descendentes, não descrevem um fato social, ao dizer colocam em uma rede mais ampla de atos linguísticos que, em seu conjunto, contribui para definir ou reforçar a identidade, na qual os sujeitos não possuem uma fixa (HALL, 2015).

E para entender esse fato social utilizaremos o conceito de performatividade, desenvolvido, sobretudo pela teoria de John Langshaw Austin, o conceito de fala performativo coloca uma ênfase que é na identidade, mantida pelo conceito de representação para ideia de “tornar-se”, para uma concepção da identidade como movimento e transformação, a linguagem situa-se na categoria de proposições que fazem com que alguma coisa aconteça, pronunciadas, fazem com que algo se efetive, se realize, se tornando sentença descritiva performativa, pois a enunciação efetiva a obtenção de um resultado (AUSTIN, 1990). Como exemplos quando perguntamos porque ele considera o colega “paraguaio” tendo como resposta: “ele é paraguaio professor, porque parece índio” funcionando como performativa, na medida em que sua repetida enunciação (como força que um ato linguístico desse tipo tem no processo de produção da identidade), inserindo os demais em um sistema linguístico, que contribui para reforçar a negatividade atribuída à identidade “paraguaia”. E sua representação é convencionalizada por essa sociedade, em que a linguagem é uma das doadoras de alteridade “Como tal, a língua é um recurso, um trunfo, e por consequência está no centro de relações que são, *ipso fado*, marcadas pelo poder.” (RAFFESTIN, 1993 p.97).

, levando muitos descendentes a esconderem suas raízes culturais e até mesmo negar tradições que têm em casa, exaltando tradições da maioria que é brasileira, para não receber essa designação como o outro, gerando assim estigmas e sanções.

Verificado que muitas vezes a família migrante, por receber esse estigma negativo, nega a sua cultura e incorpora a do brasileiro, passando para seus filhos, orientando-os a agir conforme os demais, e não manifestar nenhuma tradição como tática, forma de subverter de maneira acobertada de contornar

os limites das legislações nacionais (ALBUQUERQUE, 2012), para garantir direitos, serviços e benefícios sociais no Brasil (cartão do Sistema Único de Saúde (SUS), a matrícula na escola brasileira, benefício do Programa Bolsa Família) “A tática tem que utilizar, vigilante, as falhas que as conjunturas particulares vão abrindo na vigilância do poder proprietário. Aí vai caçar. Cria ali surpresas. Consegue estar onde ninguém espera. É astúcia” (DE CERTEAU, 1994, p. 101).

Mas além disso nos atentaremos para a nossa reflexão: como o ser humano mantém suas relações com o outro, questionando como foi formulada a representação sobre o paraguaio, pelos Brasileiros nesta região específica, como produto cultural, considerando para isso suas origens históricas para entender a problemática atual. Para poder fazer um trabalho que explique e questione essa realidade, pois muitos desses descendentes passaram a desprezar até mesmo a língua materna de sua família, ou qualquer traço que o remonte como paraguaio.

E para iniciarmos a discussão sobre a origem, temos em mente a fronteira como produção e que leva ao preconceito<sup>3</sup> A primeira pergunta que guiou a pesquisa foi: como a identidade e a alteridade são produzidas? Quais são os mecanismos e as instituições que estão ativamente envolvidos na criação da identidade e de sua fixação? Para isso é preciso explicar como ela é ativamente produzida. Colocando no seu centro uma proposta que permita não simplesmente reconhecer e celebrar a diferença e a identidade, mas questioná-las.

### **3. PESQUISA: SER OU NÃO SER PARAGUAIO**

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, que teve nos diálogos reflexivos o meio para interrogar o problema discutido acima, baseados na compreensão de diálogo enquanto interação, por meio da conversa, da participação, do silêncio, da distância, sendo a conversa apresentada como fala e escuta, gerando entendimento; o silêncio, como fala reprimida; as vezes mencionando o motivo, e as vezes não, onde leitura das entrevistas transcritas possibilitou entender o sentido geral dessa repreensão. “Na

---

<sup>3</sup>como Adorno. T.W. e Hoikheimer, M. (1986) mostra que o preconceito não é inato, ele se instala no desenvolvimento individual como um produto das relações e as ações repetitivas do pensamento que já uma defesa psíquica conta aquelas imagens estereotipada, indicando elementos próprio da cultura e é refletida nos dias atuais.

relação com o outro, o diálogo ocupa um lugar central, pois, mesmo quando há oposição, ao dialogar, eu afirmo ou confirmo o outro em sua realidade existencial” (idem, 2005, p. 41). Buscando um aprofundamento nos dados como um todo, por meio de várias releituras, foi possível entrever unidades de significado em torno do fenômeno em estudo, sem perder de vista o seu contexto (SZYMANSKI; ALMEIDA; PRANDINI, 2002, p. 75). Onde a análise dos dados, sempre relacionando com a teoria de Martin Buber.

Nas nossas entrevistas feitas com essas famílias paraguaias, onde fomos bem recebidos, e acredito que conquistamos a confiança do depoente, sendo o principal fator, é que não fomos vistos como um “outro” pois, este autor tem origem paraguaia, e vivências muito parecidas com as dos entrevistados, podendo manter um diálogo, onde muitas vezes se fez necessário a utilização do espanhol, sendo que as falas, opiniões e posturas do informante foram e sua grande maioria baseadas nessa percepção.

Percebemos relatos de uma migração irreversível, pois notamos que a grande maioria das respostas foram parecidas, lembrando de um passado comum, as vivências, as diferenças que encontraram etc. quando chegaram nessa região fizeram uma mudança de residência mudando definitivamente seus espaços de vida, transformando a cidade de jardim como sua residência base, como nos Ângela Maria Marques (2007) nos ensina:

“Portanto, mudança de residência é diferente da mudança de moradia. E, se mudança de moradia não muda o espaço de vida, não será de fato uma mudança de residência...Definem então como residência base”: “o lugar ou o conjunto de lugares a partir do qual (ou os quais) os deslocamentos têm uma probabilidade de retorno maior, qualquer seja a duração do tempo de moradia em outro lugar, durante toda a vida de um indivíduo”. A partir dessa noção de “residência base”, os autores classificam os fluxos migratórios em reversíveis ou irreversíveis”. (MARQUES, 2007)

A pesquisa baseou-se em entrevistas semiestruturadas e histórias de vida de 8 pessoas, sendo 02 homens e 06 mulheres. Baseadas na história oral como Portelli nos ensina:

“A história oral é uma ciência e arte dos indivíduos. Embora diga respeito – assim como a sociologia e a antropologia – a padrões culturais, estruturas sociais e processos históricos, visa aprofundá-los, em essência por meio de conversas com pessoas sobre a experiência e a memória individuais e ainda por meio do impacto que estas tiveram na vida de cada uma. Portanto, apesar de o trabalho de campo ser importante para todas as ciências sociais, a História Oral é, por definição, impossível sem ele. (PORTELLI,1997:17).

Nosso campo de pesquisa se restringiu a cidade de Jardim no estado do Mato Grosso do Sul, na área urbana, as famílias dessas pessoas são formadas basicamente por trabalhadores, que tem grande relação com o campo, tendo integrantes em outras atividades, como a de servidor público na prefeitura de Jardim, ou de pequeno comerciante, a idade dos entrevistados varia entre 65 a 91 anos. As datas de nascimento situam-se entre as décadas de 1920 e 1960, a infância e a juventude, por sua vez, ocorreram entre as décadas de 1920 e 1970. A grande maioria dos entrevistados, são sexagenários, portanto, vivenciou a infância e a juventude entre as décadas de 1930 e 1970. Duas preocupações teóricas centrais orientaram a pesquisa: a relação entre memórias e identidades e as potencialidades e limites da metodologia da história oral.

A memória é de grande importância para a demarcação da identidade individual, familiar ou do grupo. Halbwachs (1990) entende a memória como resultado da interação social, por isso, em vez de estudá-la em si, isolá-la no indivíduo e distanciá-la do social, ele se propõe a analisar os “quadros sociais” da memória. A lembrança individual passa a estar relacionada aos grupos e às instituições em que o indivíduo se inclui, tais como a família, a classe social, a escola, a igreja ou o trabalho. O relato sobre o passado marca o pertencimento do indivíduo ao grupo, a continuidade dentro do tempo e o sentimento de coerência (Pollak, 1992). Tomando como referência essas perspectivas, o estudo da memória de homens e mulheres em famílias de imigrantes, contribui teoricamente para a compreensão de suas identidades nos dias atuais.

Ao adotarmos a metodologia da história oral, entendemos que as entrevistas semiestruturadas e histórias de vida realizadas não foram simples técnica, instrumento de pesquisa para coletar dados, informações. Trata-se, antes de tudo, de discursos construídos no processo de interação social entre pesquisadores e informantes. Assim, nos orientamos por Bourdieu (1989, 1996) e Thomson (2000), que entendem que qualquer referência a procedimentos de investigação não esgota as estratégias infinitas da prática de pesquisa. Uma boa forma de tratar os problemas teóricos e práticos da metodologia de pesquisa é percorrer os caminhos trilhados na interação entre o pesquisador e os informantes (Bourdieu, 1999: 693).

Essas interações são permeadas por relações de poder, mas podem, também, constituírem-se em um espaço de negociação de identidades, saberes, concepções, em que se valoriza a experiência de vida dos sujeitos da pesquisa. Como o ser humano mantém suas relações com o outro, onde levou para

várias explicações e questionamento dessa realidade, pois muitos desses descendentes em sala de aula passaram a desprezar até mesmo a língua materna de sua família, ou qualquer traço que o remonte como paraguaio, e agora na pesquisa fomos perguntar qual seria a relação das famílias como Bourdieu (1996: 186) busca compreender como as consciências individuais operam através de um substrato coletivo ou de instituições de totalização e de unificação do eu.

Durante o processo do diálogo, estávamos cientes de que não deveríamos ficar “presos” ao que esse procedimento de entrevista sugere. Isso é, como se trata de uma interação entre pessoas, não podemos agir “objetivamente”, é necessário considerar que, ao falar, o narrador não o faz mecanicamente, ele está operando com a memória e com os sentimentos que ela traz à tona. Nesse sentido, adotamos a mesma postura de pesquisas de Menezes (1992) que também produziu histórias de vidas de migrantes.

Nos baseamos em um roteiro de questões relativas aos seguintes temas: infância; trabalho na infância; brincadeiras na infância; relacionamento com o pai e a mãe; estudos; namoro; lazer na juventude; casamento; filhos. Esse roteiro foi utilizado apenas como um guia, e não como uma lista de perguntas, de modo que cada entrevista teve uma sequência própria de temas, assim como as interferências e as perguntas do entrevistador também foram diferentes, pois estavam relacionadas à narrativa do informante. A orientação adotada no processo de entrevista foi deixar o informante livre para falar sobre suas experiências, sua história de vida, pois informações que num primeiro momento pareceriam deslocadas, poderiam, numa leitura atenta do texto, ter relação com experiências, sentimentos, acontecimentos significativos na vida dos narradores.

Esse modo de realizar as entrevistas encontra respaldo em autores como Bourdieu (1999) e Thomson (2000). Onde os mesmo tem muitos anos de prática da pesquisa sob todas as suas formas, e entre elas a nossa entrevista mais aberta, um diálogo.

Em suas narrativas, uma chamou bastante atenção por estar presente em todas as entrevistas que é referente ao trabalho; ele é interpretado não apenas como uma atividade produtora das necessidades materiais, mas como um valor que confere dignidade e honra aos indivíduos e à família. Sendo o trabalho um símbolo central, permanecendo ao longo da trajetória do indivíduo, e passado para as futuras gerações, enaltecendo esse valor como demonstrou uma senhora que colocaremos carinhosamente com nome de fantasia Senhora Valente<sup>4</sup>: “minha família são todos trabalhadores, desde

---

<sup>4</sup>

Entrevista concedida pela aposentada de 91 anos na cidade de Jardim-MS, 14 de jan.2017.

cedo já trabalhamos, e não temos medo de trabalho pesado, os brasileiros não pegam no pesado como nós no Paraguai”, com isso viemos a refletir novamente sobre a identidade, agora em relação aos preconceitos. Qual relação da valorização do trabalho com o preconceito, pois na nossa sociedade a figura do paraguaio é estereotipada como preguiçoso, exemplos contidos até mesmo nos meios comunicativos, como a propaganda da erva mate Campanário, que coloca um indivíduo representando um paraguaio, com sotaque espanhol, e falando palavras em Guarani, onde o sonho dele é ficar na sombra tomando tererés, pronunciando: “O meu maior prazer mesmo é ver esse povo trabalhando e eu aqui debaixo dessa árvore tomando meu rico tereré”<sup>6</sup> e mais uma meia dúzia de outras propagandas com esse mesmo cunho preconceituoso, onde é difundida nesta sociedade. Então para se defender desse preconceito, os relatos sobre o trabalho sempre são relacionadas a identidade. Como Thomsom (2002) nos ensina:

“As histórias de vida são narrativas explanatórias” (usando a expressão de Giddens) que desempenham um papel crucial na vida cotidiana. Além disso, nossa identidade (ou “identidades”, um termo que expressa melhor a natureza múltipla, fraturada e dinâmica da identidade) atual afeta a maneira como estruturamos, articulamos e na verdade lembramos a história da nossa vida. A experiência da migração, que por definição está centrada em torno de um processo de disjunção aguda, apresenta ao mesmo tempo uma necessidade urgente de construir identidades e histórias de vida coerentes, de um passado exemplar que possamos preservar, e dificuldades específicas nesse sentido”. (THOMSOM, 2002)

Sobre os descendentes de paraguaios, mesmo tendo uma nacionalidade bem definida, por nascerem no Brasil, se sentem parcialmente deslocados, escondendo suas tradições e costumes paraguaios, com receio que se sobressaiam. Assim, suas afirmações de identidade como brasileiros são mais acentuadas, firmando seu pertencimento, utilizando condutas que eles acreditam afirmarem como brasileiros, em detrimento a sua origem paraguaia. Essa luta interna constante segundo Baumam (2005) faz pensar sobre sua própria identidade e esse pensamento não ocorreria enquanto se acredita em um pertencimento, pois essa ideia surge da crise desse vínculo, levando a uma atividade a ser continuamente realizada, adotando maneiras de agir de forma defensiva, como se fosse uma tarefa a ser

<sup>5</sup> Bebida típica dessa região de origem indígena utilizando água gelada e uma bomba para filtrar a erva antes de ser consumida.

<sup>6</sup> ERVA MATE CAMPANÁRIO OFICIAL 2. Giovani Silva, 2016, youtube. 14 dez. 2016. 0:46 seg. disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=NUIW3XX\\_G58](https://www.youtube.com/watch?v=NUIW3XX_G58) acessado em 03 de abril de 2019.

realizada, até mesmo agredindo outros descendentes como eles, com uma postura inquisitiva ainda maior que os de descendência brasileira, na questão de identidade, transformando os outros paraguaios em rivais e os agredindo para ocupar o lugar cobiçado (o reconhecimento como Brasileiro “integral”) (TODOROV, 2003). Revelando as formas assumidas pela barbárie na civilização contemporânea, demonstrando que o medo dos bárbaros pode justificar, nas vítimas, comportamentos tão desumanos quanto aqueles perpetrados por seus agressores. (TODOROV, 2010).

### 3.1 UMA REPRESENTAÇÃO CONSTRUÍDA O “OUTRO”: O EU-ISSO NA RETIRADA DA LAGUNA.

Analisando as obras históricas, memorialistas e literárias, (obras com narrativas que tomaram como perspectiva o imaginário sobre o paraguaio) difundidas nesta região, foi observada a representação do paraguaio sempre como “diferente” do brasileiro em suas condutas morais e tradições, o projetando como o outro, alicerçando assim a identidade dessa região que se definiu a partir do outro, e esse outro veio a ser o paraguaio. Seguindo essa linha de pensamento, a origem da alteridade na cidade de Jardim, percebemos que, por ter sido palco de um episódio da Guerra do Paraguai, conhecido como Retirada da Laguna, que compõe também um dos “pilares fundamental da historiografia memorialista sul- mato-grossense” (SILVA, 2006), essa construção do nacionalismo e identidade sul-mato-grossense, acentuou ainda mais a imagem que os alunos têm do paraguaio.

De qual maneira esse nacionalismo está representado nos dias atuais e qual o grau de autoconsciência tanto dos descendentes de brasileiros como de paraguaios é um ponto interessante a se debruçar. Para tanto, tem-se como referência a orientação antropológica de Benedict Anderson (2008) sobre “nação como comunidade política imaginada”, pois os descendentes de brasileiros, mesmo não conhecendo todos os seus compatriotas, muitos nem mesmo tendo a oportunidade de se deslocar para outras cidades, têm em sua mente viva a comunhão entre eles, com uma profunda camaradagem igualitária. Construindo uma fronteira entre eles e os descendentes de paraguaios. Muitas vezes, essa auto-afirmação passa pela violência sobre o outro. Acreditamos ser um dos motivos oriundos de representações (estereotipadas) nas obras historicamente determinadas, sobre a Guerra do Paraguai, que muitas vezes é reatualizada para formar sentimentos nacionalistas, e trouxe elementos que atçam reações hostis nos alunos com pouca formação moral, (ADORNO. T.W. e HOIKHEIMER, M.1986). A reflexão se fará no campo do conceito buberiano, onde argumentaremos que a aceitação do Outro, está

relacionada à reflexão sobre o Eu-Tu, do mesmo modo que a rejeição do Outro é causada ou causadora do Eu-Isso onde levou a formação da fronteira cultural.

Nesse caminho foi escolhida uma obra que alicerçou o imaginário sobre o paraguaio das demais obras, que constitui o arcabouço regional, transformando-se em “pilar da historiografia memorialista sul-mato-grossense” (SILVA, 2006), tendo suas raízes históricas, o livro: *A Retirada da Laguna de Alfredo D Escragnolle Taunay*. Taunay foi o representante do governo Imperial, delimitando os interesses desse governo, e representante coletivo de toda uma nação, com seus interesses políticos; preservando a imagem do país, do Governo e do Império, e pertencendo a uma elite, que representava o poder monárquico, mas que escreveu seus relatos com o ‘olhar’ do europeu, em sua obra (BALZAM, 2012). Sendo a força da representação do paraguaio construída, levando os preconceitos que circulam no imaginário dos alunos nos dias atuais. “O falseamento da realidade, levado a efeito pelo indivíduo preconceituoso, como forma de defesa de ameaças imaginárias, utiliza, para sua justificação e fortalecimento, de estereótipos proporcionados pela cultura” (BAIBICH, 2002).

Assim, mais do que estudar essa obra, refletimos a mensagem que ela vincula e se reflete no pensamento dos alunos. Desse modo, para a presente pesquisa encontrar uma alternativa teórica viável que tornaria possível uma discussão sobre os conceitos de identidade e alteridade. Como nosso suporte teórico precisa levar em consideração a ambivalência referencial da obra, além de comportar a concepção de transcendência simbólica, onde acreditamos ter encontrado uma abordagem apropriada aos problemas mencionados, principalmente nos escritos de Martin Buber e Paul Ricoeur.

Para Ricoeur (1976; 1986) nem a obra contém a verdade exclusiva a ser descoberta, nem o leitor é possuidor de todo o sentido; é a interação entre obra e leitor que realmente importa. Embora a relação de cada leitor com uma determinada obra seja única. Nesse fato, evidencia-se o caráter fenomenológico de suas propostas. Nessa vertente o papel do leitor é enfatizado e a obra é mais do que a simples materialidade do livro; é aquilo que se manifesta para a consciência e, portanto, só existe para o leitor a partir da experiência da leitura (CULLER, 2000, p. 60).

Ao investigarmos a obra literária *A Retirada da Laguna* como um todo, lembrando também de não ser anacrônico e que essa obra corresponde a um período específico da história (Guerra do Paraguai), onde era uma estratégia de guerra o desmerecimento do “Outro”, perdurando historicamente e vai ser integrado através de pré-conceitos na identidade nacional, ou fronteiriça.

Os relatos são usados sempre na premissa de dar validade aos ocorridos, Taunay como um narrador-observador, levando a crer para os leitores que não tem motivo para duvidar, manifestando a

vigência de um tratamento discursivo da narrativa que visa à valorização impactante destes acontecimentos na consciência do leitor. Tendo a pertinência de tomarem-se reações psicológicas do leitor como elemento de um acontecido pela História.

O mundo do texto é, para o leitor, equivalente à sua interpretação, assim como para o sujeito o real equivale à sua percepção fenomenológica, não tem como objetivo a descrição imediata por si só, colaboram para o entendimento, as suas representações do real. A interpretação da obra é o resultado do diálogo entre os discursos presentes nas limitações do texto e os discursos presentes nas limitações do leitor, por isso a importância da expansão dessas limitações com o uso da Filosofia, um entendimento de formas de relações.

Segundo Gadamer (1997), a compreensão do mundo e a interpretação de textos são atividades equivalentes e fazem parte daquilo que nos constitui como seres humanos. Ainda segundo Gadamer (1997), ambos os processos se dão pela fusão do horizonte do intérprete com o horizonte do objeto a ser interpretado. Assim, a interpretação apesar de ser, a princípio, determinada pelo horizonte de compreensão, acaba por se tornar um diálogo com o texto, ao invés de uma imposição de valores. O horizonte do texto também influencia o horizonte do leitor. Um ciclo de influências mútuas se inicia (EAGLETON 1983, p. 58). E por isso a crítica é tão fundamental para entender essas influências preconceituosas sobre o leitor. O horizonte de compreensão do sujeito é a tentativa de conciliação entre vários sub-modelos do real.

Há muita tensão entre os diversos modos de representação da experiência humana e não há uma escala de valores prontos para ordená-los. Cabe a cada um estabelecer prioridades e criar uma hierarquia seletiva para que certas características, que julgemos apropriadas dos discursos que competem entre si, sejam utilizadas para interpretar um evento específico. Esses discursos, todos tentam re-descrever a experiência humana e acabam por mudar nossa percepção sobre as coisas usando de estratégias diversas. Por isso, complemento a expressão ricoueriana “alteridade como interioridade” com o adjetivo “aparente”, o sujeito considera o emprego da palavra “alteridade” só se aplique ao outro e jamais ao “si-mesmo-como-um-outro”. Com o conceito de refiguração de Ricoeur, que é “a interseção do mundo do texto e o mundo do ouvinte ou leitor” (RICOEUR, 1984, p. 71). Nossa compreensão do mundo em que vivemos muda após lermos uma narrativa e segundo Iser, como leitores, estamos temporariamente a viver a dualidade de uma subjetividade fragmentada, porque levamos a narrativa para fazer parte de nós mesmos (ISER, 1975).

A conscientização sobre as formas de olhares do texto liberta o leitor de ter uma perspectiva tendenciosa repleta de preconceitos, susceptíveis de afetar sua opinião. Com essa reflexão da leitura o leitor tende a se deslocar constantemente entre o real perpetuamente “encenando” de uma dada época com a atual época que ele vive. Isso leva inevitavelmente a uma posterior comparação entre distintas épocas, não impedindo que o texto tenha significado para o leitor, mas é através dele que se constrói melhor entendimento do mundo em que vivemos. Ricoeur (1976, 1986, 2003) complementa esse pensamento propondo que, ao nos expormos ao texto, acabamos por nos apropriar da obra e, ao mesmo tempo, alcançamos uma melhor compreensão de nós mesmos.

Por isso, como ensina Lévinas (1997), depende do Eu proporcionar uma abertura para a alteridade. O sujeito, consciente ou inconscientemente, é quem decide se aceita ou rejeita o outro. Por isso a necessidade da reflexão de como mantemos a relação como ou outro ser como um Eu-Tu ou um Eu-isso. Essa concepção demonstra que é capaz de perceber o outro por-si-mesmo, mas uma representação que pode ser modificada com o tempo. Dessa forma, a atividade de compreensão humana não busca a verdade, mas a melhor explicação possível para os dados que atualmente possuímos. O pesquisador em Geografia, por exemplo, não pode almejar oferecer a melhor interpretação possível de determinada obra, porque embora a obra seja limitada, os fatores externos que podem influir na percepção de cada parte são infinitos, e, portanto, são obviamente dados que não estão ao seu alcance pessoal. Conforme a hipótese de Ricoeur (2003), se o novo (a nova compreensão sobre algo) sempre surge no mundo é porque o ser humano estabelece novas ligações entre áreas distintas do conhecimento através do que ele chama de “metáfora viva”. Assim sendo, a transdisciplinalidade, com reflexões provoca no leitor, serve como uma matriz para novas possibilidades da compreensão do real. O Conceito do Eu-tu, em especial, talvez seja o mais apto a suscitar no leitor uma reflexão sobre as normas e padrões de suas concepções sobre a discriminação. Consequentemente, esperamos que a discussão sobre a obra venha gerar novos questionamentos acerca da identidade e da alteridade.

O livro relata um dos episódios da guerra do Brasil com o Paraguai, ocorrido totalmente em solo sul-mato-grossense, constituída pelos principais eventos que envolveram a coluna expedicionária brasileira, em que Taunay elaborou a narrativa, tendo como tema principal uma derrota militar em terras não muito conhecidas pela nação brasileira do século XIX, trazendo como dever também à construção da nacionalidade, onde nossa crítica se atenta, não o nacionalismo como ideologia que une a nação, sentimento de destino comum que garante coesão necessária à nação para que ela assegure um território e organize um estado/nação, mas o “nacionalismo radicalizado que se define em termos

étnicos, que deixa de se definir como elemento da competição internacional, se volta contra compatriotas de outras raças e religiões, e se transforma em racismo” (Bresser-Pereira, 2008).

No discurso nacionalista, que sublinha os valores culturais comuns a uma população unidos por identidade de origem, não no sentido de Pátria sendo um território enquanto realidade afetiva a que grupos e indivíduos estão ligados, forçou uma homogeneização a partir de certos núcleos de adesão, realizando um movimento complementar de integração e exclusão ao descrever grupos, ao impor espaços, ao conferir a palavra ou negá-la (KREUTZ, 1998, p. 9). O “Tu” e o “Isso” preconizado por Buber e aprofundado por Verissimo, demonstra que são denominações para designar o outro e a nossa forma de intencioná-lo, sendo ambos constitutivos da experiência humana, não se forma uma relação sujeito-sujeito, mas objeto-objeto. Na leitura da obra de Taunay, percebendo que o autor relacionou-se com os demais membros da equipe e registrou essas negociações, e houve relações de poder, poder oriundo da representação da elite do Governo Imperial que Taunay era representante (BALZAM,2012) mas essas relações não eram igualitárias, por exemplo quando se fala dos superiores: Os oficiais foram destacados com valentia, cooperação nas batalhas, corajosos, civilizados e humanitários, como foi o episódio do abandono dos coléricos em que citou: “Foi um drama emocionante, em que o Coronel Camisão sentia necessidade de tomar uma atitude, mas não tinha coragem de fazê-lo. Só o fez depois de várias reuniões com o conselho de oficiais” (GOMES, 1990, p.39), os soldados, indígenas idealizados, preparados para figurar como coadjuvantes das suas obras, lembrando que se não fosse o conhecimento dos territórios e o fornecimento de suprimentos alimentares pelos indígenas, dificilmente as tropas brasileiras teriam chegado ao inimigo ou até mesmo sobrevivido com esse contingente. (VASCONCELOS,1999)

E às doenças., mulheres, os paraguaios (Taunay presenciou cenas e fatos que transcreveu na obra, referindo sobre a população paraguaia: “Verdadeiros cadáveres ambulantes, roídos pela fome, trazem consigo ossos carcomidos com que procuram fazer caldos ou laranjas azedas, que poupam como alimento saboroso e de último recurso. Essas desgraçadas criaturas, niveladas com os brutos pelo sofrer incessante, acumulam-se junto ao depósito do fornecimento e aí ajuntam do chão grão por grão, o milho ou arroz que caía das sacas” (TAUNAY, 1997,p. 22). Taunay os representa como coisas (objeto-objeto) fartamente suportados por uma cultura narcisista, realçado por ser representante da corte imperial do Brasil, sendo basicamente objetos para a sua narração, não tendo as suas existência plenamente aceita e reconhecida.(VERRISIMO, PG. 93)

Quando se perguntou para os alunos da cidade de Jardim quem seriam os paraguaios? Qual sua aparência física? Percebe-se um estereótipo, sendo relacionado com o indígena, mesmo que várias etnias presentes no estado do Mato Grosso do Sul, não tenham nenhuma ligação cultural e/ou geográfica com o Paraguai, o senso comum os relacionam como na mesma especificidade cultural, aparecendo igual no relato de Taunay, deixado no livro, colocando a ideia de que os paraguaios são mais primitivos e próximos à natureza, a ponto de se confundirem com ela, relacionando-o, como no trecho que Frei Mariano de Bagnaia, padre responsável pela paróquia de Miranda (vilarejo, da antiga província de Mato Grosso, pertencente ao Brasil, invadido pelos paraguaios) quando se depara com ela saqueada e “profanada”, segundo Taunay “se apoderou de sentimento de indignação” e vai tirar satisfação com os paraguaios. “Ouviram todos cabisbaixos, como se esta voz severa fora a de algum daqueles padres que outrora lhes haviam catequizado os antepassados” (Taunay, 1951 p. 16).

Representando os dois da mesma forma, Taunay mostra sua visão sobre o indígena, várias vezes, como exemplo, quando a tropa brasileira faz passagem pela serra de Maracaju e se admira pelas paisagens desconhecidas e belas do local, onde o primeiro indígena Guaicurus ao chegar nessa região o chamou de Lauiad (Campo Belo), mas: “Com voz gutural e cavernosa” (p.18). E se surpreende com o fascínio por parte do indígena com a natureza, e colocando como uma raça inferior: “Parece apanágio dos povos civilizados o sentimento admirativo; pelo menos bem raro é nos homens primitivos a sua manifestação exterior” (p. 17). E foi observado como se constituiu a relação entre Taunay e os paraguaios, nesse sentido seguindo Buber como “totalmente outro”, como “isso”, pois quando a relação é compreendida por Eu-Tu revelando a constituição do outro como pessoa, e essa dinâmica envolve um encontro mutuo, reciprocidade, diálogo, troca, abertura á comunicação. Mas quando experiência é existida a relação Eu-Isso, o outro é variado (colocar o exemplo de Taunay glorificando) e como um estranho (outro exemplo) que pouco ou nada a ver comigo (exemplo dos brasileiros e paraguaios) e deve permanecer discriminando, contido e controlado, quando não subjugado, mesmo torturado, mutilado e morto (VERRISIMO. 2010).

Relacionando assim como Jildonei Lazzaretti (1987) que percebe a aproximação da imagem do índio para Taunay e o pensamento de Hobbes acerca do ser humano, no livro O Leviatã (2009), ao tratar da origem do Estado, destacando o fato de que os homens naturalmente vivem em uma situação de guerra de todos contra todos, cada qual tende a se apropriar de tudo aquilo de que necessita para sua própria conservação e sobrevivência, nem que para isso tenha que colocar em risco a sobrevivência dos outros. E é justamente para sair desta situação de ameaça constante, que os homens resolvem

estabelecer um acordo para viver em sociedade, privando suas liberdades individuais, mas garantindo a sobrevivência. Nessa relação entre Taunay e Hobbes, é reiterada a imagem do índio enquanto ser primitivo e bárbaro, que precisa ser subjogado pelo civilizado.

Sendo que se segue a mesma linha de pensamento, como dando um alerta à civilização, dos bárbaros paraguaios, quando ele relata sobre a cólera, doença endêmica que é facilmente prevenida com o tratamento adequado da água para o consumo, que assolou a expedição levando a várias mortes. “supunham alguns que fosse o próprio inimigo o veiculador do morbo. É muito possível que aos paraguaios houvessem acontecido” (TAUNAY,1951 p. 66). “Sobre os desvalidos coléricos abandonados que tentava voltar à expedição nem sempre conseguira, contudo, evitar os paraguaios, que, vendo no estado que o pusera a moléstia, se contentavam por divertimento com o moerem de pancadas”. (TAUNAY,1956 p.78). E demonstrando desvios de valores civilizados que os paraguaios tinham durante o episódio da guerra: “estava Miranda em ruína quando nossas forças ali entraram. Ao partirem haviam-na incendiado. Os tristes destroços desta igreja, saqueada pelos paraguaios”. (TAUNAY,1956, p.78) “A um brasileiro rico, e sua filha, levaram a bordo de seu navio; e quando o pai se recusou deixar a menina a sós com o chefe paraguaio, arrastaram-no a força, ficando a infeliz criança no navio.” (TAUNAY,1956 p. 19). “Por heroína passava uma a todas as apontavam, havendo encarniçado um paraguaio em lhe arrancar o filho, tomara ela de salto uma espada largada no chão, e num ápice matara o assaltante.” (p. 64). “uma circunstância ocorria fazendo-nos crer que também reinasse um mal em suas fileiras: a frouxidão, para o fim, dos ataques, embora sempre presente” (TAUNAY, 1956 p. 66), trecho como essa “compaixão com os coléricos” onde foram fuzilados “crueldade do inimigo” (TAUNAY,1956 p. 72).

Ou quando um soldado brasileiro da expedição por acidente explodiu a igreja de Nioaque ao manusear um isqueiro, no depósito de pólvora: “E os cálculos ardilosos dos selvagens que preparara os seus malefícios” (TAUNAY,1956 p.88).

Ficando evidente, no decorrer da leitura da obra, como orienta Trubiliano e Martins, que a ela associa, manipula, instrumenta a lembrança, evocando intencionalmente o passado, para reviver coletivamente (comemorar) a memória de acontecimentos, considerados atos fundadores da identidade nacional e posteriormente regional, uma identidade nacional que tem como objetivo e direito monopolista de traçar a fronteira entre os brasileiros e paraguaios (BAUMAM, 2005). Representando o paraguaio de forma pejorativa, que ainda é evidenciado nos dias atuais, pois quando um aluno é nomeado como “paraguaio” essa palavra carrega uma carga pejorativa, segundo Amaral R. (2014 p. 7)

“as palavras trazem em si, mais do que um significante objetivo ou uma simples nomeação, uma carga ideológica que sempre redundante em uma adjetivação”. Colocando o paraguaio como grupo diferente e não descreve com precisão, sendo que até hoje ainda seguem na assertiva, pois já é definido previamente antes de qualquer contato em busca de conhecimento que se faça. (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2012).

Além de verificar que essa narrativa, é uma criação ideológica e serviu a interesses que se chocam nas relações de poder, construindo uma memória em torno dela (LE GOFF, 2013) que afirma feições de bravura, patriotismo, fibra e heroísmo por parte dos brasileiros, com uma conotação heróica, se atribuiu ainda outra significação, a de vitória, e do paraguaio como Bárbaro, com valores morais debilitados e a de vencido. Pois Taunay não manteve nenhuma relação dialógica (baseadas no Eu-Tu, uma relação na qual ele estaria aberto para o Outro), pois envolvia interesses em sua escrita, e que mantendo apenas a relação Eu-Iso (instrumental), onde envolve usar o Outro como um meio para fins, perpetuando essa forma de relação com os paraguaios, como outro, e não como igual, e com esse pensamento deixou de vê-los como pessoas; eles se tornam meros objetos - meios a serviço de um fim - e, ao fazê-lo, deixam de receber direitos e deveres. (GUILHERME, 2014).

Essa representação manipulada e teve o objetivo de criar uma narrativa histórica desejada por Taunay que foi transformado em herói e mito, e sua obra sofria uma transubstanciação tornando-se um documento/monumento. Assim, sua narrativa adquiriu o estatuto de verdade e nesta condição passou ser utilizada como fonte de verdade e fidedignidade absoluta. E mais tarde serviu de base para a sua consolidação como um dos mitos fundadores da história de Mato Grosso do Sul. (SOUZA, 2006) e passado nos livros didáticos nas escolas. (SQUINELO,2002) dando mais atenção a esse tema, acreditamos que esse preconceito se tornou uma matéria de aprendizagem, os alunos simplesmente assimilam preconceitos contra grupos de quem se identificam (pais ou pares, em geral). Daí por que se preservam de uma geração à outra. (BAIBICH, 2002). Onde esse preconceito sobreviveu no tempo e é fruto da escolha realizada por um grupo específico dessa sociedade e homens dedicado ao estudo da história.

Podendo levar os alunos brasileiros se auto-percebem como pertencente a uma sociedade mais poderosa e civilizada, sendo assim ocupar posições de prestígio e poder em relação aos paraguaios, e essa superioridade social foi construída na tradição do vencimento pela guerra com o Paraguai, se tornando representações coletivas conduzindo a atos discriminatórios, quando “tem por objetivo a construção do mundo social, e como tal a definição contraditória das identidades — tanto a dos outros

como a sua” (CHARTIER, 2002, p.18). Nunca mantendo uma relação dialógica dando abertura para o Outro, sem interesses, permitindo o coloca descendente de paraguaios se manifestar como realmente é, mantendo apenas a relação Eu-Isso e se radicalizando, tornando-se a fonte de certas atitudes discriminatórias.

A identidade, nos lembra Haesbaert (2001), depende profundamente dos constructos referentes a determinados recortes históricos, tenham eles um caráter mais concreto ou mais abstrato. Todo esse universo, pela sua dinâmica histórica e política, nos revela a fronteira, resultado da valorização simbólica, identitário-existencial. Essa fronteira é vista como um limite que separa os indivíduos. Os territórios identitários, pela análise feita, são envolvidos numa relação de alteridade com essa fronteira configurada da Guerra do Paraguai. Esse confronto configuraria como a fronteira, também já discutida, entre o “Eu” e o “Outro”, enfatizando que se existe “Eu” é porque este pode diferenciar-se do “Outro”.

## **4. O TERRITÓRIO DE DESENCONTRO E DE DESCOBERTA DO OUTRO**

### **4.1 IDENTIDADES E ALTERIDADES**

Como organização do espaço, pode-se dizer que o território responde, em sua primeira instância, a necessidades econômicas, sociais e políticas de cada sociedade e, por isso, sua produção está sustentada pelas relações sociais que o atravessam. Sua função, porém, não se reduz a essa dimensão instrumental; ele é também objeto de operações simbólicas e é nele que os atores projetam suas concepções de mundo (ALMEIDA, 2015). São, assim, vários os níveis de análise e de escalas espaciais que permitem a compreensão do território, fato que nos possibilita cogitar que são distintos os territórios quanto são os enfoques feitos sobre eles. O olhar geográfico, portanto, além de ser seletivo quanto aos níveis de análise é também multiescalar mesmo no que diz respeito aos territórios.

O território se pluraliza segundo escalas e níveis historicamente constituídos e sedimentados, englobando escalas como o local, o município, o estado, a região e o país. Estas diferentes escalas não constituem um continuum, mas níveis imbricados ou superpostos.

Como também já dissemos, território ele o é, para aqueles que têm uma identidade territorial com ele, o resultado de uma apropriação simbólico-expressiva do espaço, sendo portador de significados e relações simbólicas. Bonnemaïson e Cambrezy (1997; p. 10) consideram que “o vigor do

laço territorial revela que o espaço é investido de valores não somente materiais, mas também éticos, espirituais, simbólicos e afetivos”. A cultura, portanto, inscreve-se assim no território, deixando marcas pela história e pelo trabalho humano o que, no nosso caso, pode ser apreendido pelos diferentes processos de apropriação da região de fronteira do Brasil com o Paraguai. Cremos que não seria exagero cogitar nesses territórios sítios potenciais de resistências, intervenção e de tradução decorrentes das estratégias de diferenças. Culturalmente, estas estratégias constituem o fundamento para um novo tipo de “localismo,” que não é auto-suficiente particular, mas que surge de dentro do global, sem ser simplesmente um simulacro deste (HALL, 2003).

Nesse estudo propomos discutir sobre os espaços identitários, buscando esclarecimentos sobre o processo atual das persistências e ou reconfigurações identitárias notadamente em uma área de fronteira.

Esta discussão cabe bem na ciência geográfica, uma vez que o espaço é tido como o lugar onde se aplica uma estratégia identitária. É o espaço que fornece ao sujeito um campo para suas realizações existenciais, físicas e organizacionais. Investir fisicamente um lugar é, ao mesmo tempo, instituir um território, e na o “é produzir um significado que substitua a ausência” (MARTINS, 1997).

Claval (1995, p. 146), a propósito da identidade cultural, sugere considerar três elementos para a sua formação: “a origem comum, o desejo de adequar-se às práticas de um grupo e a construção da pessoa que repousa na articulação exercida de todos os aspectos de sua vida centrados na cultura”, ou seja, assumir-se como parte de um grupo com dados valores culturais e praticá-los.

Levando em consideração Bassand (1999), citado por Giménez (2000), em relação aos tipos de identidades, esse nosso foco abrange a identidade histórica e patrimonial, construída em relação com acontecimentos passados importantes para a coletividade, com um patrimônio sociocultural e sócio-econômico. De acordo com Giménez (2000) a identidade é criatividade permanente e exploração contínua, o que implica em uma dialética de continuidade e troca; e esse autor ressalta que na nossa época a identidade já não pode fundar-se exclusivamente no culto as próprias raízes e tradições sob pena de perecer-se por asfixia.

Castells (1999) compartilha da opinião de Gimenez (2000) ao enfatizar a construção da identidade, como um construto histórico para o qual contribuem a História, a Geografia, a Biologia, instituições, a memória coletiva, fantasias pessoais e aparatos de poder e revelações de cunho religioso. Segundo ele, esses materiais são reelaborados pelos indivíduos, pelos grupos sociais “em função de

tendências sociais e projetos culturais enraizados em sua estrutura social, bem como em sua visão de tempo/ espaço” (CASTELLS,1999, p.23).

Para Vignaux, Fall (1997), os territórios identitários são espaços e temporalidades necessariamente móveis, não apenas porque estão em evolução, de acordo com a história, mas também porque eles se definem e se legitimam pela fronteira de outros espaços e tempos, também, batizados de culturais.

Mas a fronteira não é apenas esta dualidade. Segundo Martins (1997), a fronteira é de muitas e diferentes coisas: fronteira da civilização, fronteira espacial, fronteira de cultura e visões de mundo, fronteira de etnias, fronteira da História e da historicidade do homem. Segundo ele ela é, no âmbito da concepção do homem e do espaço, “ponto limite de territórios que se redefinem continuamente, disputados por diferentes grupos humanos” (MARTINS, 1997, p.11). De fato, no que concerne à diferença cultural os embates de fronteira que afloram tanto podem ser conflituosos como consensuais. Para Bhabha (2003) a fronteira, é também espaço liminar e processo de interação simbólica, o tecido de ligação que constrói a diferença. Corresponderia ela, portanto, a um “entre-lugares”. Entre suas importâncias está o fato de que, como passagem, evita as identidades a cada extremidade de se cristalizem em polaridades.

Alguns autores têm procurado superar uma leitura dicotômica (desconhecido-conhecido, novo-velho) e do entendimento de fronteira apenas enquanto barreira e obstáculo. Del Rio (1998), por exemplo, faz referência a uma fronteira política e a uma fronteira cultural. Preocupado em articular as ideias de processo de identificação-fronteira-territórios locais-Estado, ele destaca seu entendimento da fronteira como separação, mas também comunicação devido às suas múltiplas formas. O entendimento de Garcia (2002) situa a fronteira como um conceito positivo que remete à uma síntese de conexão, vínculo e interdependência das sociedades. Já Hall (2003) admite os binarismos, porém, ressalta a função da fronteira, sobretudo, respaldando-se em Bhabha.

Na opinião de Bonnemaïson; Cambrezy (1996) a fronteira em si não é restritiva, limitante, nem deve ser vista como um instrumento de fechamento sobre orientações identitárias particularistas. Com efeito, a existência de fronteiras não significa somente uma divisão espacial de território e elas exprimem uma certa relação ao território, uma outra visão de mundo, da moral e do direito.

Na leitura da fronteira aqui abordada, há um território identitário. Procuramos adotar o ponto de vista de Martins “fronteira de cultura e de visões de mundo”.

## Considerações finais

Nossa preocupação básica foi levar uma contribuição para a reflexão sobre fronteiras culturais que levam a uma grande discriminação entre alunos de uma instituição de ensino, em específico, os paraguaios e seus descendentes em sala de aula, tornando mais ampla a trama de fenômenos e relações estudadas pela ciência geográfica. Porém, com esse objetivo foi possível debater com os alunos o que é mais peculiar à geografia: a interpretação crítica da organização do espaço, e tendo consciência que a ciência geográfica evoluiu muito no que se refere à abordagem teórico metodológica de seu objeto de estudo.

Sendo assim esta disciplina busca em outras áreas de conhecimento, subsídios para uma reflexão mais profunda sobre teoria e prática, pois se não houver essa abordagem nas aulas de Geografia, estas discriminações aparecem como ocorrências particulares, desvinculadas do todo, sem conexão com o processo social no qual estão inseridos (ALMEIDA,1991) sendo que a geografia é guiada pelo conhecimento e reflexão, permeada pela ética, servindo de instrumento para a compreensão e transformação da realidade.

Observamos que os alunos tiveram uma expressiva reflexão em relação ao “outro” e consigo mesmo, podendo se transformar em guia para a compreensão e transformação da sua realidade, formando relações abertas para o outro, permitindo ao outro (paraguaios) se manifestar como realmente é, e que, sem esta reflexão não aconteceria. Proporcionou uma compreensão da condição dos alunos, já que se orienta conforme as possibilidades de os mesmos constituírem relações dialógicas autênticas apesar da discriminação presente após relacionarmos nas aulas de Geografia, os termos de fronteiras culturais. Mesmo os alunos que praticam o preconceito, mostrando que pode haver um movimento de conversão. Mônica Udler Cromberg (2005) a conversão diz respeito a um movimento que traz o aluno de volta a si mesmo, no sentido de retorno da e à consciência da sua condição mais humana.

Tudo que se encontra no espaço e no tempo passa pela qualidade de causador ou causado, o que configura uma prisão para o homem. Mas aquele que pode evadir-se para o mundo da relação não se deixa aprisionar (CROMBERG, 2005, p. 116).

A avaliação foi vista como reorientação para uma aprendizagem melhor e para a melhoria do sistema de ensino priorizando a emancipação dos alunos (ABRAMOWICZ, 1996), dando mais atenção ao nível crítico e a capacidade do aluno em criar conceitos, levando em consideração seus pontos de vista sempre com postura humanitária (GRAMSCI 2001), uma postura que deve transcender as correntes teórico-metodológicas da ciência geográfica, sendo um valor a ser incorporado na prática e no devir científico. (MARANDOLA JR, 2005).

Desta forma, para uma avaliação mais concreta deve-se considerar, além dos depoimentos elaborados pelos alunos após sua aplicação em sala, todo o processo desenvolvido, registrando toda reflexão que ele construiu, e verificar a partir dos depoimentos dos professores e funcionários da escola, se ocorreu uma mudança efetiva e em longo prazo nas posturas dos alunos no seu convívio escolar, mas como o tempo para entrega desse trabalho segue prazos deixaremos para um segundo momento.

Lembrando Morim (2000), as sociedades domesticam os indivíduos por meio de mitos e idéias, que, por sua vez, domesticam as sociedades e os indivíduos, mas os indivíduos poderiam, reciprocamente, domesticar as idéias, ao mesmo tempo em que poderiam controlar a sociedade. É dever dos educadores elucidar esse caminho, para que no futuro os jovens convivam em uma sociedade mais justa e inclusiva.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ADORNO. T.W. e Hoikheimer, M. (1986) **Dialética do Esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

ALBUQUERQUE, José Lindomar C. **Limites e paradoxos da cidadania no território fronteiriço**. Geopolítica(s): revista de estudos sobre espacio y poder. Madrid, v.3, p.185 - 205, 2012.

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. **Preconceito contra a origem geográfica e de lugar: As fronteiras da discórdia** (2 edição). 2. ed. São Paulo: Cortez, 2012. v. 1.000. 100 p
- ALMEIDA, M. G. **Fronteiras, territórios e identidades**. Revista da ANPEGE, Fortaleza, v. 1, p. 103-114, 2005.
- ALBUQUERQUE, J. L. C. **Fronteiras e identidades em movimento: fluxos migratórios e disputas de poder na fronteira Paraguai-Brasil**. Cadernos CERU (USP), v. 19, p. 49-64, 2008
- ALMEIDA, M.G. **A Reinvenção da Natureza. Espaço e Cultura**. Jan-Dez, N. 17 e 18, 2004, p.41-54.
- ALMEIDA, R. D. **A propósito da questão teórica metodológica sobre o ensino de Geografia**. Terra Livre, São Paulo, v. 8, p. 83-90, 1991.
- AMARAL, Ronaldo. **O bárbaro como construto. Uma rediscussão historiográfica das migrações germânicas à luz dos conceitos de cultura, civilização e barbárie**. Revista de História Comparada (UFRJ), v. 08, p. 01-23-23, 2014.
- ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- ANDRADE, S. M. **O patrimônio histórico arqueológico de Serra da Mesa: a construção de uma nova paisagem**. Tese de Doutorado. Departamento de Geografia. USP. 2002.
- ARCE, J.M.V. **Decadência y auge de las identidades. Cultura Nacional, identidade cultural y modernización**. Tijuana: El Colegio de la Frontera Norte, 2000, p.191-208.  
. Culturas Híbridas - estratégias para entrar y salir de la Modernidad. México: Grijalbo, 1989.
- AUSTIN, J. **Quando dizer é fazer**. Trad. Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre, Artes médicas, 1990.
- AZEVÊDO, Eliane. **Raça Conceito e Preconceito**. São Paulo: Ed. Ática, 1987.
- BALLER, Leandro. **Cultura Identidade e Fronteira: Transitoriedade Brasil/Paraguai (1980-2005)**. Dourados 2008. Dissertação (mestrado História) Universidade Federal da Grande Dourados BHABHA, H. O local da Cultura. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- BANDEIRA, L. M.; Soria Batista, Analía. . **Preconceito e discriminação**. Revista Estudos Feministas (UFSC. Impresso), Florianópolis, v. 10, n.1, p. 119-141, 2002.
- BAUMAN, Z. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Tradução, Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 2005.

BARREIRA, C.C.M.A. **Região da Estrada do Boi: usos e abusos da natureza**. Goiânia: Editora da UFG, 1997.

BENVENISTE, E. **A filosofia analítica e a linguagem**. In: Problemas de lingüística geral I. Trad. Maria da Glória Novak e Luiza Neri. 5.ed. Campinas: Pontes, 2005.

BONNEMAISON, J. CAMBREZY. **La Lien entre frontierès etidentités**. Géographieet Cultures, n.20, 1996, pp. 6-15.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel, 1989.

BUBER, M. **Eu e Tu**. São Paulo: Cortez & Moraes, 2001.

CANCLINI, N. G. **Escenas sin território: cultura de los migrantes e identidades em transición**. In: R.L. (Orgs.). Matrizes da Geografia Cultural. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2001.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **O trabalho do antropólogo**. 2ª ed. Brasília, Paralelo 15; São Paulo, Editora UNESP.2006.

CASTELLS, M. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CLAVAL, P. **O papel da nova geografia cultural na compreensão da ação humana**. In. ROSENDAHL Z. CORRÊA.

Diálogos - **Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História 2011, 15**. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=305525027002>> ISSN 1415-9945. Acesso em: 30 de março de 2019.

DIEGUES, A. C. S. **Populações tradicionais em unidades de conservação: o mito moderno da natureza intocada**. São Paulo: Cebimar/Nupaub, 1993.

DEL RIO, J.M. V. **Fronteras, territorios e identificaciones colectivas**. Sevilla: Fundación Blas Infante, 1998.

DE CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

ESCOBAR, A.- **El final delsalvaje. Naturaleza, cultura y política en la antropologia contemporánea**. Bogotá: Instituto Colombiano de Antropologia/CEREC, 1999.

(Enero-Abril): Disponible en:<<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=305525027002>> ISSN 1415-9945 Acesso em 30 de marzo de 2019.

FERREIRA, Raquel: **Ambiente escolar é contaminado por preconceito e discriminação**, 2009 disponível em:<http://www.palmares.gov.br/archives/3673> acesso em: 27 de Abr. 2018.

FIOROTTI, Cíntia.; CARDIN, E. G. **Migrações paraguaias na faixa de fronteira do Brasil: identidades, circularidades e redes transnacionais**. Século XXI: Revista de Relações Internacionais, v. 7, p. 1, 2016.

FAY, C. Goupeset territoire sau Maasina (Mali). **Logiques du contrat et logiques de la force**. Géographie et Cultures n.20, 1996, pp. 31-44.

GRAMSCI, Antônio. **Cadernos do cárcere**. v. 4. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

GRAMSCI, Antônio. **Cadernos do cárcere**. V. 4. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. HOBBS, Thomas. **O Leviatã**. São Paulo: Martin Claret, 2009.

GIMÉNEZ, G. **Território, cultura e identidades**. La región sociocultural. In: BARBERO, J.

HABERMAS, Jürgen. **A consciência moral e agir comunicativo: tradução de Guido**. A. Almeida. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.

HABERMAS, J. **Racionalidade do entendimento mútuo**. In: Verdade e justificação: ensaios filosóficos. Trad. Milton Camargo Mota. Edições Loyola, 2004, p. 99-132.

HAESBAERT, R. **O Mito da Desterritorialização**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

\_\_\_\_\_. **Da diáspora. Identidades e Mediações Culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003. HALL, Stuart.

HOBBS, Thomas. **O Leviatã**. São Paulo: Martin Claret, 2009

HOUAISS, A. et alii. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objectiva, 2001.

ISER, Wolfgang. **Os atos de fingir ou o que é fictício no texto ficcional**. In: LIMA, Luís Costa (org). **A teoria da literatura em suas fontes**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

ISER, Wolfgang. **Prospecting: From Reader Response to Literary Anthropology**. Baltimore: JHU Press, 1993 a.

ISER, Wolfgang. **The Implied Reader; Patterns of Communication in Prose Fiction from Bunyante Beckett**. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1974.

ISER, Wolfgang. **The Fictive and the Imaginary - Charting Literary Anthropology**. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1993 b.

In: ZEA, L. TABOADA, H. (comp.). **Latino América en la globalización y el tercer milenio**. México: Instituto Panamericano de Geografía e Historia: Fondo de Cultura Económica, 2002.

JODELET, D. (1993). **La representación social: Fenómenos, concepto y teoría**. Em S. Moscovici (Org.), *Psicología social* (Vol. 2, pp. 469-494). Barcelona: Paidós.

KUNZ, J. C.; STUMPF, E. M. **Constatativos e performativos: Austin e Benveniste sobre os atos de fala**. In: Seminário Internacional de Texto, Enunciação e Discurso, 2010, Porto Alegre. *Anais do Seminário Internacional de Texto, Enunciação e Discurso*, 2010. .

LAZZARETTI, Jildonei. **O índio como aliado circunstancial em A retirada da Laguna**. Mafuá, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil, n. 25, 2016.

LACOSTE, Y. Préambule/Etat-Nation/Pétrole: **Dictionnaire de géopolitique**. Paris: Flammarion, 1993.

LE BERRE, M. Territoires. In: BAILLY, A. FERRAS, R. PUMAIN, D.(dir). **Encyclopédie de Géographie**. Paris: Economica, 199, pp. 617- 638.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Trad. Bernardo Leitão. 7ª edição revista – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013

LÉVINAS, Emmanuel. **Entre nós: ensaios sobre a alteridade**. Tradução Pergentino S. Pivatto. Petrópolis: Vozes, 1997.

MARANDOLA JR., Eduardo. Humanismo e a Abordagem Cultural em Geografia. *Geografia* (Rio Claro), Rio Claro, v. 30, n.3, p. 393-420, 2005.

MARTINS, M. F. **Uma nova filosofia para um novo ensino médio**. In: Sílvia Gallo; Walter Omar Kohan. (Org.). *Filosofia no ensino médio*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2000, v., p. 94-111.

MARQUES, A. M.. **Movimentos migratórios fronteiriços: bolivianos e paraguaios em Mato Grosso do Sul**. In: OSÓRIO, A.C.N.; PEREIRA, J.H.V.; OLIVEIRA, T.C.M. (Orgs). (Org.). *América Platina: textos escolhidos*. vol. II.. Campo Grande: Editora da UFMS, 2007, v. II, p. -.

M.;ROCHE,F.L.;ROBLEDO,A. (eds) **Cultura y Región- Bogotá**: Ces/ Universidad Nacional /Ministério de Cultura, 2000, pp. 87-132.

MARTINS, J.S. **A fronteira. A degradação do Outro nos confins do humano**. São Paulo: HUCITEC, 1997. PALACÍN, L.; MORAES, M. A. **História de Goiás (1722-1972)**. Goiânia: Ed. da UCG, 1989.

MORIM, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF : UNESCO, 2000.

NORBERT.E.; SCOTSON J.L. **Os estabelecidos e os outsiders: Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro, Zahar 2000.

- ONO, A. **La notion d'énonciation chez Émile Benveniste**. Limoges, Lambert-Lucas, 2007.
- PESAVENTO, S. J. **Além das fronteiras**. In: Maria Helena Martins. (Org.). *Fronteiras Culturais*. Porto Alegre: Ateliê Editorial, 2002, v., p. 35-39.
- POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social**. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.
- PINSKY, Jaime (Org.). **12 faces do preconceito**. São Paulo: Contexto, 1999.
- POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social**. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.
- RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder**. Tradução de Maria Cecília França. São Paulo (SP): Ática, 1993.
- RICOEUR, Paul. **Interpretation Theory: Discourse and the surplus of meaning**. Toronto: University of Toronto Press, 1976.
- RICOEUR, Paul. **Oneself as Another**. Chicago: University of Chicago Press, 1994.
- RICOEUR, Paul. **Symbolism of Evil**. Beacon Press, 1986.
- RICOEUR, Paul. **The rule of metaphor**. Londres: Routledge Classics, 2003.
- RIGONATO, V. **O modo de vida das populações tradicionais e a inter-relação com a paisagem do Cerrado da microrregião da Chapada dos Veadeiros**. Dissertação de Mestrado (Geografia), IESA, UFG, 2005.
- SILVA, Tomaz T, (org.), HALL, Stuart, WOODWARD, Kathryn, **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 9.ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- SQUINELO, Ana Paula, **REVISÕES HISTORIOGRÁFICAS: A GUERRA DO PARAGUAI NOS LIVROS DIDÁTICOS BRASILEIROS – PNLD 2011**.
- SQUINELO, Ana Paula, **REVISÕES HISTORIOGRÁFICAS: A GUERRA DO PARAGUAI NOS LIVROS DIDÁTICOS BRASILEIROS – PNLD 2011**. Diálogos - Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História [enlinea] 2011, 15 (Enero-Abril): Disponible en:<<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=305525027002>> ISSN 1415-9945 Acesso em 30 de março de 2019.
- SILVA, Ricardo Souza da. **MATO GROSSO DO SUL: Labirintos da memória**. 2006. 120 f. Dissertação (Mestrado em História, Região e identidades) – UFGD, Dourados, 2006.

- SQUINELO, Ana Paula. **A Guerra do Paraguai, essa desconhecida. Ensino, memória e história de um conflito secular.** Campo Grande: Ed. UCDB, 2002.
- THOMSON, Alistair. Histórias (co) movedoras: **História Oral e estudos de migração.** In: Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 22, nº 44, pp. 341-364, 2002.
- TAUNAY, Alfredo d'Escragno, 1843-1899. **A Retirada da Laguna: episódio da Guerra do Paraguai.** Organização Sergio Medeiros. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- \_\_\_\_\_, **Memórias.** São Paulo: Iluminuras, 1948.
- TODOROV, Tzvetan, **O medo dos bárbaros.** Rio de Janeiro. Vozes, 2010
- TURRA, C., & VENTURI, G. **Racismo cordial: a mais completa análise sobre preconceito de cor no Brasil.** São Paulo: Ática, 1995.
- VASCONCELOS, Cláudio A. **A questão indígena na Província do Mato Grosso: conflito, trama e continuidade.** Campo Grande: Editora da UFMS, 1999.
- VERÍSSIMO, LUIZ JOSÉ. **A ética da reciprocidade, diálogo com Martin Buber.** Rio de Janeiro, UAPÊ, 2010. 201 p.
- VIGNAUX, G. FALL, K. **Processus cognitifs, processus culturels, du language et de la culture com mejeuxsur “lesfrontières”.** In TURGEON, L. LÉTOURNEAU, J. FALL, K. Les espaces de l'identité. Québec: Les Presses de l'Université Laval, 1997, pp. 302-313.